CONCLUSÃO

Acreditamos que nossa abordagem permitiu estabelecer o elo entre ato de expressão e imaginação como um fato intrínseco à relação de Goeldi com o meio plástico. A obra de Oswaldo Goeldi é um convite à reflexão sobre o homem e seus meios de expressão. Podemos afirmar que o caráter crítico de nossa pesquisa fundou-se no exercício do encontro sincero com a obra. Sem a pretensão de determinar o fechamento das questões, a pesquisa realizou um esboço para uma compreensão da produção artística fundada na imaginação material. Não pensamos o coeficiente expressionista de Goeldi unicamente pela comparação com a produção de outros expressionistas. Buscamos, isto sim, compreender as características de seu expressionismo de dentro de sua obra o quanto for possível fazê-lo.

Concluimos que o ato expressivo absolutamente desligado da matéria é, para nós, inconcebível – assim como a vida, necessita dessa ligação. A produção de Goeldi é um testemunho sobre certo modo de estar no mundo. Sua gravura expressa a relação homem e mundo desde o mais ínfimo sulco gravado na matriz até as figuras que compõem o imaginário do poeta das forças. Há algo que se evidencia: é a necessidade imperiosa em dar sentido à existência por meio da arte, a expressão como revelação lírica.

Certamente, o dimensionamento de um artista é dado na descoberta de sua obra, e não seria exagero perguntar se fazemos na atualidade jus a Goeldi, dada as omissões inevitáveis de nossa pesquisa crítica. Talvez importantes passos tenham sido dados nesse sentido por críticos como os citados ao longo da pesquisa, porém o debate sobre o sentido de modernidade fora dos meios acadêmicos ou em determinados círculos parece ainda com os que descrevemos sobre os modernistas.

Deixamos em suspenso quaisquer discussões sobre abstração e figuração. Entendemos que se no campo historiográfico tal embate possui algum significado, para uma fenomenologia da imaginação criadora a oposição perde utilidade e se coloca como desvio aos nossos interesses. Ademais, em Goeldi, assim como em grande parte dos artistas do século vinte, a pura abstração, entendida neste caso específico como uma abstenção de figuras reconhecidas na natureza, não era um

fim em si mesmo – vide sua rejeição aos preceitos colocados no concretismo e informalismo, no final dos anos quarenta no Brasil. Colocar a questão da expressão em Goeldi sob o viés da dicotomia abstração x figuração é, em nosso ponto de vista, iniciar o problema a partir de uma formulação muito datada. Restringir a força expressiva de Goeldi a somente um desses polos propiciaria uma visão falhada, responsável por juízos precipitados.

Tentou-se evitar aqui imputar à obra o crime de não ter feito aquilo a que ela não se propôs. A referência, é claro, está na recusa à figuração. Se tal fato é colocado como um pesar em sua obra, somos levados a discordar com veemência. É justamente essa ligação com a figura que dá qualidade expressiva ao ato poético. Especular sobre a presença de um espaço cênico como fator negativo é ignorar que o espaço goeldiano é antes de tudo onírico, de acontecimentos que contradizem uma ordem de representação do mundo.

A solidão como condição primeira salta aos olhos desde o primeiro embate com sua obra. A solidão do artista não é uma solidão qualquer. Não desconsideramos a imaginação material o caráter simbolizante da ação. Está claro aqui que a ideia de uma ação simbolizante, constituinte do imaginário do artista, correspondente à imaginação material. A separação que porventura se dá no plano analítico, no plano formal, não ocorre efetivamente no processo criativo, caso contrário, estaríamos defendendo a ideia de uma imaginação reprodutora, o que tornaria a técnica parte submissa a um projeto fundado *a priori*. Com efeito, chegaríamos a uma operação que em nada se aproxima da experiência goeldiana. Feitas assim, nossas investigações sobre o problema do ato expressivo na obra de Goeldi, concluímos que não há exagero em afirmar que o interior é o mundo em perpétuo movimento, pois o trabalho criativo é a ponte responsável pelas transformações do externo pelo interno e do interno pelo externo.